

## O REVÓLVER DO EDGARD FOLHEADO A OURO, MAS NÃO ATIRA SOZINHO.

David Nasser

(Artigo publicado na revista “O Cruzeiro” de 5 de março de 1960.)

Edgard Castro, pai de Ronaldo, procurou o Senhor Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, para obter um encontro comigo. O anjo da guarda do repórter, ou o do pai do condenado, estava de plantão nesse dia, porque recusei o contato. Não que suspeitasse da verdadeira intenção do Edgard, mas por temer novas investidas de suborno. Desde o início, o pai de Ronaldo adotava uma tática de amaciamento. Dera resultado na maioria dos casos. Fabricara testemunhas. Peitara muita gente. Comprara opinião. Nada disso adiantou. No momento em que a vontade popular teve de ser demonstrada no Júri, o trabalho de sapa, até certo ponto compreensível, de Edgard Castro, resultou nulo. O povo tem um sexto sentido.

Na realidade, o que desejava o Edgard em seu encontro com o repórter era dar-lhe um paletó-de-madeira, um pijama de pau. Para isso, escolheu, dentre as suas vinte e duas armas, um revólver S. & W., calibre 32, folheado a ouro, arrumou seus papéis, despediu-se da família e veio ao Rio para cumprir a sua missão. Fuzilar o jornalista. Que fez ele? “O Cruzeiro”, Rua do Livramento, 203, 7º andar, sala 2, como está no expediente? Não. Procurou o velho Herbert Moses, pois a ABI era, a seu ver, um túmulo digno do jornalista brasileiro. Certo, o Edgard pensou com a cabeça. Praticado o assassinio na ABI, teria tempo de fugir ou de ser preso. Não correria o risco de ser justificado pelos companheiros da vítima. Espertinho o homem. Tal pai, tal filho. Ambos covardes.

Em tudo isso, só não entendo o revólver folheado a ouro. Por que folheado a ouro? Por que não, nesse caso, um revólver inteiramente de ouro? Diz o pai de Ronaldo que era a arma de sua maior confiança. Não falhava nunca. Igual, da mesma série, da mesma feitura, irmã gêmea da arma de Gregório. Mas havia uma diferença que o Edgard Castro se esqueceu de citar. A mão que a empunhava. A vontade que a acionaria. Tenho mais medo, repito, de um revólver no chão. Porque essas coisas não disparam sozinhas.

Então, o senhor escolhe um revólver folheado a ouro, cabo de madrepérola, calibre 32, arruma os seus papéis, diz adeus à família, reza aos pés de Nossa Senhora da Lampadosa, vem ao Rio de Janeiro para matar um jornalista, vai à sede da entidade de classe, fala ao presidente, convida o jornalista simplesmente para morrer – e se admira, Edgard, que o jornalista não vá?

Vê-se bem que Ronaldo teve a quem puxar. A mesma dissimulada maneira de agir, a traição silenciosa, a impassibilidade e – súbito, a explosão. Como a que matou Aída. Como a que despejou sobre os jurados. Em vez da atitude límpida, do gesto de homem que quer realmente o revide e que o procura, sem se importar com as consequências, com o que vem depois – o Edgard escolhe, entre as vinte e duas armas que devem esconder uma tendência mórbida e hereditária, um revólver folheado a ouro. Vem ao Rio e busca o caminho sinuoso. Não o trilha até o fim. Recua. Ora, Edgard, quem quer matar não avisa. Não escolhe dia nem lugar. Não mete o pobre doutor Moses na história. Nem sequer se preocupa com a beleza da arma, se é folheada a ouro ou de aço inoxidável. Aceita uma garrucha velha e parte em busca de um cadáver. Nesse caso, o cadáver era eu. Ou talvez você, Edgard. Porque, cavalheiro, a minha coragem tem limite. Além desse limite, tudo corre inteiramente por conta e risco da empresa.

Se você não acredita, Edgard, faça uma experiência.

Se lhe dissesse que sou homem sem medo, estaria mentindo. Mas, só tenho medo de revólver na mão de homem. Não tenho medo de revólver na sua mão, mesmo que seja folheado a ouro. O verniz de ouro que cobre o seu revólver, não é o verniz da coragem. Nas lojas onde se compram essas armas, não se compra disposição, não, Edgard. Nem brio. Este vem de uma linhagem que não está no seu sangue, no seu passado, no triste exemplo de sua vida. Mau pai, mau esposo, mau chefe de família, sabendo que o seu filho lhe herdara todos os defeitos, financiou-lhe a tara, deixando que fizesse o que bem entendesse, com quem bem entendesse, com a filha de quem bem entendesse. Por acaso, você, Edgard, também tinha filhas, mas não se incomodava com o que Ronaldo fazia com as filhas dos outros. Apagava com o seu dinheiro as artes do pequeno canalha que despontava para o crime. Até que o crime foi maior e o orçamento do suborno aumentou. Mesmo assim, a caixinha do jogo deu para comprar o falso testemunho de uma Zilza Maria da Fonseca. Para custear advogados de goela insaciável. Advogados que, como esse venalíssimo Wilson Lopes dos Santos, saíram da

porte do xadrez, da cocheira de Souza Neto, para as grandes causas, apesar de ser tão analfabeto como no dia em que estava, salvo seja, no ventre materno. Sem escrúpulos. Corrupto e corruptor. Servia-lhe, Edgard, porque Wilson Lopes dos Santos era o apanhador de Sousa Neto. O intermediário das boas causas. Revelaremos, um dia, pormenorizadamente, a ponta de lança autárquica, o nome da chefe da seção que utiliza em seus planos. Fica para depois, para um capítulo especial a história do mais salafrário de todos os advogados que desonra a profissão nesta Velhacap. Pena que a NOVACAP não leve esse velhaco de beca para o seu Foro. A verdade é que, quando Wilson Lopes dos Santos está defendendo um ladrão, é um caso de xifopagia judicial. Sente-se que o advogado é tão larápio quanto o larápio a quem defende. Nem as coisas se passam doutro modo. Antes de praticar o roubo, o ladrão contrata Wilson Lopes dos Santos. Como advogado? Não. Como sócio.

Um patife como este, egresso das fileiras do Partido Comunista do Brasil, estava talhado para defender seus irmãos de sarjeta. Mas inteligência não se rouba. Vivaldino, mas ignorante, esperto, mas burro, a elasticidade mental do advogado Wilson Lopes dos Santos não ia além do campo magnético de seu pai espiritual, o Juiz Sousa Neto, de quem é parceiro numa coudelaria, onde até os carrapatos são dopados. Da orientação que lhe deu o mestre (hoje na sombra) surgiram aquelas tramas para obter a vitória no Júri:

- 1) Colocar apenas 150 nomes em vez de 500 para o sorteio dos jurados. O Promotor Maurílio Bruno recebeu a denúncia, Sousa Neto quase teve um enfarte, recusou-se a abrir a urna para a contagem, perdendo excelente ocasião de desmoralizar o Promotor. Levou a urna para o seu gabinete e, de portas fechadas, acertou o número. Só depois disso chamou o Procurador e fez a verificação. A esse protesto se deve, talvez, o resultado do Júri.
- 2) O pai de Ronaldo contratou uma jovem de vida irregular, uma pré-prostitucional de nome Zilza Maria Fonseca, para álibi de Ronaldo. Ela disse nos autos que conversava com Ronaldo num banco da Avenida Atlântica, em frente ao Edifício “Rio Nobre”, quando Aída foi jogada. Essa testemunha fabulosa nem sequer apareceu no Tribunal ou teve a menor referência por parte dos advogados de defesa. Por quê? A razão é simples. Se Zilza tivesse comparecido, sairia presa por falso testemunho.

- 3) Em vez da Zilza, a defesa inventou agora uma testemunha de preto, uma mulher chamada Leci Gomes, que afirma ter visto Zilza com o Ronaldo à hora do crime.

Por que em vez de Zilza trazem a mulher que “viu” a Zilza?

Não era mais fácil trazer a Zilza?

- 4) Basta comparar o depoimento de Ronaldo com o relato dessa falsa testemunha (Leci) para se ver que é uma psicopata ou coisa arrumada. Nada coincide. Além do mais, Leci descreve Zilza como loura, e Zilza é morena.

- 5) Essa doida afirma que guardou silêncio com receio da campanha que fazíamos. Ora, o primeiro trabalho sobre o assunto apareceu nestas páginas depois da impronúncia que a justiça dos sousas prolatou, ou seja, um ano mais tarde. Durante todo esse tempo, Dona Leci esteve calada. Para depois do julgamento (só porque, em vez de 15, Ronaldo recebeu a pena máxima) vir a público contar a sua história da carochinha. Não digo que a ideia é do inteligente Dr. Romeiro Neto. A Senhora Leci deve ter sido obrada pelo Wilson Lopes dos Santos. Só de um bestunto desses é que sairia essa bomba-traque. Caso Dona Leci resista a um exame de sanidade mental, outras causas deverão se encontradas.

Porque, a lógica não falha: em vez da mulher que viu a Zilza com o Ronaldo, trazem a Zilza.

Os demais advogados de Ronaldo não devem permitir, de maneira alguma, que o Wilson Lopes dos Santos pense sobre os autos. Sempre que Wilson pensa, deixa as impressões digitais dos seus cascos. Dizem que somos responsáveis, em parte, pela sentença que recebeu o “playboy” assassino. Ninguém pode roubar essa glória (o verbo roubar cabe, tal qual uma luva) ao advogado de porta de presídio, esse lamentável “doutor” Wilson Lopes dos Santos. Mal ele terminou de falar, o Juiz Otávio Pinto mandou abrir todas as janelas do Tribunal do Júri. A efígie da Justiça tirou a venda, olhou assustada e perguntou:

- Quem é essa besta?

Falsas testemunhas, bombas de retardamento, chantagens a longo prazo, manobras de advogados venais, insultos dos advogados de defesa, ameaças de morte – nada disso nos afastará da linha traçada, que é exemplificar os miseráveis que esbofetearam, esmurraram e mataram uma pobre menina.

A mobilização da piedade em favor de D. Abigail, mãe de Ronaldo, senhora duplamente infeliz, como esposa e como mãe, merece de nossa parte todo o respeito. Mas, uma vez cumprida a pena, Ronaldo voltará para casa. Dona Jamila sabe que a sua filha não voltará. Lembra-se, no Brasil, da família dos condenados. Ninguém se lembra da família da vítima.

Todos os assassinos têm mães. Todos os bandidos. Todos os criminosos. Todos os tarados. Febrônio, o Filho da Luz, tinha mãe. Al capone. Dillinger. Lampião. A mãe do bandido Giuliano carregou o cadáver de seu filho pela montanha abaixo, para lhe dar sepultura. Todo mundo tem mãe. Sete Dedos. Diabo Louro. Wilson Lopes dos Santos. Zé da Ilha. Por que ninguém se lembrou até hoje da mãe do miserável Cabeleira? O Presídio está cheio de homens que têm mães, embora outros que também as tenham permanecem em liberdade para agir. Todo mundo tem mãe. Mas, ninguém nos Estados Unidos se lembrou, para clamar contra a execução de Chessman, que a sua mãe era cancerosa. As mães – tanto as dos assassinos como as das vítimas – nos inspiram compaixão. Mas, a piedade, a pena que nos dão, infelizmente não nos permite esquecer a aplicação da lei como exemplo. Do contrário, teríamos de esvaziar os presídios para alegrar as mães dos assassinos.

Por isso, estamos de volta. Para evitar que um falso sentimentalismo influa na decisão da Justiça e impeça que a medida saneadora se faça sentir em benefício da família brasileira. Aída Curi também tinha mãe. O mais que se pode dizer de Dona Abigail, cuja dor nos merece realmente todo o respeito, é que não passa de outra vítima de Ronaldo.

Ameaças não valem nada. Não nos afastarão do caminho que traçamos. Nem falsos testemunhos. Nem porta-vozes do suborno. Nem amaciamento da opinião pública através de entrevistas. A verdade aparecerá translúcida no segundo julgamento como apareceu no primeiro. Depois, então, conversaremos, meu autárquico “doutor” Wilson. Em letra de forma. Em qualquer terreno. Ou será que você usa o revólver além da beca e da gazua?

Por ora, o objetivo é a punição dos culpados. O processo Aída Curi. A confirmação da sentença.

Guarde o seu revólver folheado a ouro, Edgard, que vale menos que a arma feia e enferrujada de um jagunço do Paraná. As armas, saiba você, recebem, como por

estranho mimetismo, o espírito de quem as traz. Guarde a sua arma, Edgard. Ou então, faça melhor uso. O calibre das balas não é o calibre da decência. Do contrário a sua arma seria calibre zero. Guarde seu revólver folheado a ouro. Em suas mãos, vale menos que um de lata. Você diz, Edgardzinho, que é um revólver igual ao de Gregório. Mas, há uma diferença. Gregório era negro. Mas era homem.

\*\*\*